

2. 1. Polinizadores

Márcia de Fátima Ribeiro

As abelhas-sem-ferrão são nativas do Brasil e também são chamadas de abelhas indígenas ou meliponíneos. São bastante abundantes (mais de 300 espécies) e ocorrem em todas as regiões do país.

As mais frequentemente encontradas na região do polo Petrolina-Juazeiro são: mandaçaia, manduri ou monduri, abelha branca, mosquito ou mosquito verdadeiro, brabo, sanharol, irapuá, cupira e trombeteiro. A mais comum ainda é a mandaçaia, embora ela já tenha sido muito mais abundante no passado.

Nos últimos anos houve uma diminuição em seu número pois as abelhas têm sido muito ameaçadas por diversos problemas, como o desmatamento causado pela expansão agropecuária, queimadas, poluição, uso abusivo de agroquímicos, mudanças climáticas, ação de meleiros, etc.

Estudos recentes mostraram que a mandaçaia faz seu ninho principalmente nos ocos de umburana-de-cambão. Das 172 árvores avaliadas com ninhos de mandaçaia, mais de 70% delas eram desta espécie vegetal. O umbuzeiro (18%), também abrigava ninhos de mandaçaia e outras árvores (algaroba, jatobá, baraúna, pau-ferro e aroeira), foram muito menos utilizadas pelas abelhas como locais de nidificação. Assim, ficou claro que para conservar a mandaçaia é essencial conservar a umburana-de-cambão, já que ambas estão intimamente associadas. É necessário que se promova programas de incentivo para a conservação das árvores existentes, plantio por estaquia, cercas vivas, manutenção de árvores mortas, etc.

Outro fator importante para a conservação de espécies de abelhas é a alimentação: é preciso conservar plantas que fornecem alimento (pólen e néctar) para as abelhas. Um estudo recente identificou que, entre as plantas que a mandaçaia visita para obter alimento, estão a malva-canela-de-siriema, jurema-vermelha, umbuzeiro, chanana, marmaleiro, leucena, vassourinha, moleque-duro, etc. Dessa forma, para preservar as abelhas também é necessário manter as plantas que lhes servem de alimento.



Fotos: Márcia Ribeiro

Ninhos de abelhas sem-ferrão nativas da Caatinga. Canudo (acima), mandaçaia (abaixo, à esquerda) e manduri (abaixo, à direita).

Apesar de haver muitas espécies de abelhas-sem-ferrão no Brasil, como mencionado acima, apenas algumas dezenas delas são criadas em criatórios ou meliponários. Entretanto, a meliponicultura, ou seja, a criação destas abelhas, é uma atividade que vem sendo muito difundida e praticada. As finalidades da meliponicultura são: a produção e comercialização de produtos (principalmente o mel); a produção e venda de colônias para meliponicultores e/ou instituições de educação e pesquisa; a utilização em educação ambiental, em escolas, parques, zoológicos, parques, etc.; a preservação de espécies, principalmente aquelas que estão em risco de extinção; a manutenção da biodiversidade de biomas, através dos serviços de polinização que as abelhas fornecem; lazer; etc.

Algumas abelhas-sem-ferrão também podem usadas na polinização de culturas agrícolas, embora esta ainda não seja uma prática frequente entre os produtores. Entre as abelhas já estudadas com este fim estão a jandaíra, para a polinização do pimentão; a jataí e a iraiá, para a polinização do morango; e a mandaçaia da região sudeste, para a polinização do tomate.

Na região de Petrolina, estas abelhas ainda não são utilizadas com outra finalidade que não seja a produção de mel. Assim, existem outras boas perspectivas para incrementar a meliponicultura local e a renda do produtor. A criação de mandaçaia por exemplo, pode ser uma forma de conservar a espécie. Ela também poderá ser utilizada na polinização de alguma cultura, mas para isso ainda são necessários estudos para investigar as possibilidades.

Entretanto, qualquer que seja a opção do meliponicultor, é necessário que se invista na meliponicultura da região, incentivando a participação em cursos de capacitação, a adoção de Boas Práticas de Fabricação e Conservação do mel, e de métodos de manejo adequados. Estudos recentes indicaram que apenas com a adoção destas práticas é possível conseguir maior renda e sucesso no negócio.

Paralelamente, é fundamental que seja desestimulada a criação e comercialização de espécies não nativas, como a uruçú e jandaíra, que não ocorrem naturalmente na região. Isto pode ocasionar problemas pois pode haver a introdução de novas pragas e doenças e/ou a competição por recursos alimentares com as espécies nativas, aumentando inclusive o risco de extinção e consequente perda de biodiversidade.



Foto: Fernanda Birolo